

Guardiões do céu no Estado

No município de Santa Teresa, atuam 50 militares que trabalham para monitorar o espaço aéreo capixaba

A309844
Marianna Aguiar

Localizado a 1.070 metros acima do nível do mar, o único destacamento da Força Aérea Brasileira no Estado fica em Santa Teresa, na região serrana. Nele, cinquenta militares, entre soldados, sargentos e oficiais, trabalham para monitorar o espaço aéreo capixaba.

Com a expansão das bases após a instalação na década de 1970, o destacamento capixaba foi criado em 1989. O capitão Maia explica que o município foi escolhido por ser um local alto, na região central do Estado e por não possuir relevo tão acidentado.

Dois radares cobrem 400 quilômetros de diâmetro, abrangendo todo o Espírito Santo, parte do oceano, Norte do Rio de Janeiro, Sul da Bahia e parte de Minas Gerais.

Um deles é caracterizado como primário: funciona como uma espécie de morcego, ou seja, envia um sinal e recebe de volta dados mostrando a posição da aeronave. Serve como defesa militar.

Há ainda o secundário, que recebe sinais de aviões comerciais por meio do transponder.

Pelos monitores dos radares, é possível acompanhar a movimentação de mais de 400 aeronaves, segundo informou o primeiro-sargento Walter Belídio. Ele conta que nunca houve tentativa de invasão do espaço aéreo. "Estamos sempre em alerta. Existe o fator surpresa, mas monitoramos tudo."

As informações captadas pelos radares são passadas ao Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo, o Cindacta 1,



FOTOS: JUSSARA MARTINS/AT

TENENTE ALEXANDRE, capitão Maia e sargento Belídio fazem parte da equipe que acompanha a movimentação das aeronaves. "Estamos sempre em alerta", diz o sargento Belídio, que mostra, no detalhe, o computador que visualiza o sinal de radar

em Brasília, responsável pelo controle dos voos.

De acordo com o capitão Maia, os controladores de voo são treinados para atuar, inclusive, sem o radar. "É muito importante ter comunicação com o piloto, mas o radar sempre ajuda muito", frisou.

O destacamento ainda conta com uma antena VHF que faz comunicação com as aeronaves.

“É muito importante ter comunicação com o piloto, mas o radar sempre ajuda muito”

Capitão Maia

Dos cinquenta oficiais, aqueles que trabalham na equipe técnica e precisam monitorar diretamente os radares atuam em regime de escala. O turno é de 24 horas com folga da mesma duração. Alguns inclusive moram em Vitória e fazem o trajeto com frequência.

A maioria dos oficiais é de fora do Estado, como o tenente Alexandre Alves Lameira, que é do Rio. Eles se formam e são enviados às unidades, conforme demanda de vagas. Há eletrônicos, eletricitas, suprimentistas, do setor administrativo e infantaria.

A base tem heliponto, mas não conta com aeronaves. Um dos oficiais citou a visita do governador Paulo Hartung e sua comitiva ao local em 2005.



SAIBA MAIS

Sala dos radares tem sistema de defesa

Segurança

> **NINGUÉM** pode acessar a sala dos radares porque eles emitem microondas que podem queimar e até levar à morte.

> **HÁ** um sistema de defesa que, no caso de alguém tentar entrar no local, tudo é desligado automaticamente.

Radar primário

> **EMITE** ondas eletromagnéticas que chegam à aeronave e voltam, mostrando a posição, velocidade e outras características, independente da resposta da aeronave.

> **SERVE** para fins militares e de defesa aérea.

Radar secundário

> **TAMBÉM** emite onda eletromagnética, mas é como se enviasse uma "pergunta" à aeronave.

> **ELA RESPONDE** se estiver com o transponder ligado. O transponder é um conjunto de antenas que estabelece comunicação entre o avião e os

radares em terra e controla o funcionamento do sistema anticolição.

> **O RADAR** serve para monitorar aviões comerciais.



SARGENTO BELÍDIO mostra painel de controle em funcionamento

Do Rio para Santa Teresa

A encarregada administrativa Ana Paula Gimenes Gonçalves Santos, 32, é uma das duas mulheres do destacamento da Força Aérea Brasileira de Santa Teresa, na região centro-serrana capixaba.

Natural de Cardoso Moreira, no Rio, Ana mora no Espírito Santo desde 2009. O marido trabalha em Campos, também cidade fluminense. "Não achei que me acostumaria com o frio, mas estou gostando".

Além de servir por cinco anos no Rio, ela também trabalhou pelo mesmo período em Rondônia. Apesar do meio majoritariamente masculino, ela disse não ter problemas. "Todo mundo me respeita. Gosto do que faço. Acabo conhecendo pessoas de todo o País".

Ana usa um banheiro improvisado e guarda a chave, já que é a única mulher do prédio. Ela também aguarda a construção de um alojamento feminino.

A militar frequentou a Escola de Especialistas na primeira turma onde foi possível estudar homens e mulheres juntos, no Rio, em 1998. Também fez Administração. A outra mulher que trabalha no destacamento é uma dentista.



ANA PAULA atua no destacamento